

Tradições republicanas e usos do passado: Joaquim Francisco de Assis Brasil e a propaganda política do Partido Republicano Rio-Grandense (1881-1889)

TASSIANA MARIA PARCIANELLO SACCOL*

A década de 1880, na província do Rio Grande de São Pedro, foi marcada por intensa propaganda em prol da república enquanto novo regime político a ser instaurado. Este modelo de governo deveria contar ainda com um atributo bastante importante, ou seja, a vigência de princípios federalistas. Do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), associação responsável pela divulgação deste ideário político na província, eram integrantes os jovens Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Borges de Medeiros, Alcides Lima, Ramiro Barcelos, Pinheiro Machado, dentre outros. Em sua grande maioria, alunos egressos da Faculdade de Direito de São Paulo, integravam ainda o que conhecemos como *geração de 1870*, um movimento formado por indivíduos de várias províncias, que tinha como principal característica a contestação ao *status quo* imperial.¹ A socialização dos integrantes da geração de 1870 em instituições acadêmicas do centro do país, bem como o contato com idéias, autores e obras de cunho político, contribuíram para que a propaganda política que estes indivíduos desenvolveram em suas províncias-natais tivesse características, em alguns aspectos, muito parecidas.

Exemplo disto foi a utilização, tanto em textos escritos como em discursos, de diversos movimentos republicanos, ocorridos no passado, a fim de legitimar o republicanismo da década de 1880. As experiências transcorridas em momentos anteriores contribuíam para demonstrar uma tendência natural brasileira a esta forma de governo, bem como para amenizar o impacto da idéia de um *novo* regime político. No caso específico dos propagandistas rio-grandenses, o interesse maior se deu em torno da Revolução Farroupilha (1835-1845), que chegou a separar a província do Império

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista CNPq. E-mail para contato: tassianasaccol@yahoo.com.br

¹ Segundo Alonso (2002), a geração de 1870 pode ser explicada como um movimento intelectual e político de contestação às principais instituições e valores do período monárquico. Dela faziam parte vários grupos em nível nacional que propunham reformas profundas tanto para o Estado quanto para a sociedade brasileira, em todos os seus aspectos. O fim da escravidão, a secularização das instituições, o liberalismo econômico e a descentralização político-administrativa, por exemplo, eram algumas das principais reivindicações levadas a cabo pelos membros deste movimento.

Brasileiro e fundar uma República nesse território. Assim, o “bem-sucedido” movimento farrapo, tal como aparece nas construções narrativas do propagandista Assis Brasil, tinha muito a colaborar com o PRR e, os integrantes deste último tentariam se apresentar como herdeiros daquela tradição republicana.

Portanto, neste artigo, analisaremos o modo com que estas tradições republicanas foram utilizadas por um dos principais líderes do PRR, Joaquim Francisco de Assis Brasil, a fim de contribuir para a legitimação das lutas políticas de sua época. Dos textos que publicou no período da propaganda republicana, considerados os principais escritos de divulgação da plataforma abolicionista, republicana e federativa do PRR (ALONSO, 2002: 157-158)², nos interessam, *A República Federal* (1881) e *História da República Rio-Grandense* (1882). Ambos escritos quando o jovem Assis Brasil residia e estudava em São Paulo, nos permitem visualizar a utilização das tradições republicanas pelo autor, não somente em nível regional, onde destaca-se a expressiva Revolução Farroupilha, mas também em nível nacional, onde são destacados vários movimentos republicanos, sejam eles característicos do período colonial ou imperial. A análise dos escritos de Assis Brasil nos permitirá entender melhor a atuação deste personagem dentro do PRR e também a utilização de um passado histórico como estratégia de propaganda política.

² Segundo Angela Alonso, Júlio de Castilhos foi o principal arregimentador, operando nos bastidores, formulando alianças e estratégias, até mesmo com o Partido Republicano de São Paulo enquanto Assis Brasil teria sido o mentor da plataforma política e principal doutrinador da associação. Alonso menciona ainda a existência de um *fenômeno de duplas* na composição das lideranças dos subgrupos da geração de 1870, de modo que o ideário e a ação política de dois indivíduos seriam representativos dos demais integrantes de seus grupos. Para Alonso, “[...] os grupos eram variáveis em tamanho, mas em seu núcleo havia normalmente uma dupla que dividia o trabalho de doutrinação e ativismo”, dessa forma, “enquanto uns se dedicavam a criar estruturas de mobilização para o grupo, tais como jornais e associações, outros se encarregavam de dar forma articulada às idéias que norteavam essa ação” (ALONSO, 2002: 103). Ressalta-se que esta divisão, segundo a mesma autora, não era estanque, antes o contrário, mesmo porque as atividades política e intelectual se alimentavam mutuamente.

1 – Dos escritos de Assis Brasil: *A República Federal* e a construção de uma história republicana nacional

Antes de adentrarmos na análise de *A República Federal*, é necessário percorrermos rapidamente a trajetória de seu autor.³ Assis Brasil era filho de uma abastada família de estancieiros de São Gabriel, município que integrava a região da campanha da província e, onde a atividade estancieira rendia lucros significativos. Membro de uma família de elite econômica, mas também da oligarquia política da província, Assis Brasil integrava o grupo de jovens que conseguiu, através de um investimento dispendioso, estudar nas academias superiores do centro do país. Enquanto estudante, militou a favor da república em vários jornais acadêmicos e publicou duas importantes obras, aqui já mencionadas. Em 1883, retornou à província, onde participou ativamente do processo de formação do PRR. Além de ter sido um dos principais conferencistas da associação, Assis Brasil foi eleito deputado provincial por seu partido, por dois mandatos consecutivos, atuando na Assembléia Legislativa no período de 1885 a 1888.⁴

A respeito de *A República Federal*, vale ressaltar que esta obra, embora bastante mencionada pela historiografia rio-grandense que trabalha com o movimento republicano, recebeu poucos olhares mais atentos.⁵ Já com relação à historiografia nacional, um dos poucos trabalhos que analisou a obra de forma mais aprofundada foi o

³ Os principais dados biográficos sobre Assis Brasil estão presentes em REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil**. Porto Alegre: IEL, 1996 e AITA, Carmen. *Perfil biográfico de Assis Brasil*. In: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfis Parlamentares: Joaquim Francisco de Assis Brasil**. Porto Alegre: ALRS, 2006, p. 17-207.

⁴ Assis Brasil foi o único candidato republicano eleito à Assembléia Legislativa Provincial rio-grandense durante o período monárquico. Tal personagem continuou atuando politicamente na Primeira República, entretanto, neste momento, como opositor ao PRR, após ter rompido oficialmente com tal partido em 1891.

⁵ Da historiografia que trabalha com o movimento republicano podemos destacar algumas obras como: PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao Estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação de mestrado. PPG – Ciência Política da UFRGS, 1979.; PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889)*. In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. **História Geral do Rio Grande do Sul: Império. Porto Alegre: Editora Méritos, 2007, v. 2, p. 139-153.**; PICCOLO, Helga. **A Política Rio-Grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: UFRGS, 1974. Especial atenção foi dada a obra de Assis Brasil no artigo de PICCOLO, Helga. *A crise do Império nas partes do Brasil: o caso do Rio Grande do Sul*. In: **Revista História Unisinos**, vol. 14, n. 1, janeiro-abril 2010, p. 23-28.

de Angela Alonso, ao analisar alguns dos escritos dos principais líderes dos grupos vinculados à geração de 1870.⁶

Deve-se salientar ainda que os livros de Assis Brasil tiveram grande importância no período. Segundo Angela Alonso, o livro *A República Federal*, além de ter sido editado seis vezes até 1889 e de ter sido lido nacionalmente por várias associações republicanas, foi “[...] subsidiado e distribuído gratuitamente pelo Partido Republicano de São Paulo e teve, juntamente com *Catecismo Republicano* (1885), de Alberto Sales, alcance assombroso para o século XIX” (ALONSO, 2002: 223).⁷ Tal foi o alcance da obra que esta chegou a ser indicada como leitura até mesmo na Academia Militar do Rio de Janeiro, onde estudaram muitos dos jovens golpistas do 15 de novembro de 1889. (CASTRO, 1995: 80).

Com relação à estrutura do texto, *A República Federal* dividia-se em quatro partes.⁸ O livro primeiro contemplava as formas de governo ressaltando a superioridade da forma republicana. O livro segundo destinava-se a refutar as objeções dos monarquistas a este regime de governo e a mostrar a oportunidade da república no Brasil. O livro terceiro foi dedicado à defesa da federação, evidenciando a inclinação do Brasil para esse sistema político. Por fim, no livro quarto, a última parte, o autor defendia o sufrágio universal. Interessa-nos aqui, especialmente o Livro I, intitulado *A República*. Os próprios títulos dos capítulos nos quais se subdivide, tais como *Superioridade da forma republicana* e *Preferência do País pela República*, já sinalizam a argumentação a ser desenvolvida pelo autor. Sua intenção nos fica bastante clara: mostrar a primazia da república sobre a monarquia. Ao passo que enaltecia a forma republicana de governo, criticava o regime vigente e expunha suas mazelas.

Para Assis Brasil, três motivos fundamentavam a preferência nacional pela República: a própria índole do país; as tradições e os antecedentes históricos e, por último, os próprios resultados obtidos com o regime monárquico (ASSIS BRASIL, 1998: 54). Aqui nos interessa somente o segundo argumento: a existência de

⁶ ALONSO, Angela. Op. Cit. Ver especialmente o capítulo 4.

⁷ Isto demonstra a ação política conjunta dos dois grupos, em alguns momentos, seja através da utilização das obras de propaganda ou mesmo na troca de artigos entre os dois jornais oficiais dos partidos, o que era uma prática recorrente.

⁸ A obra que utilizamos para análise foi reeditada no ano de 1998. A primeira edição de *A República Federal* é de 1881.

antecedentes históricos republicanos para justificar a preferência nacional por este regime de governo. Para Assis Brasil, “[...] as manifestações de vitalidade que este povo deixou pelo curto caminho de sua história política, as suas tradições mais puras e legítimas são republicanas [...]” (ASSIS BRASIL, 1998: 57). Complementa mencionando uma série de movimentos que caracterizam essa ação nacional a favor da república:

Republicana foi a malograda conspiração mineira, que tantos mártires fez e que levou ao cadafalso o heróico Tiradentes; republicanas foram as duas revoluções de Pernambuco: a de 1817, que desfraldou a bandeira branca, como símbolo de paz, e a de 1824, que, com o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, fundou a efêmera Confederação do Equador, primeiro e mais definido ensaio de federalismo entre nós; republicana foi a revolução de 1835, na heróica província do Rio Grande do Sul, onde um punhado de gaúchos mal disciplinados e mal armados, a cujo lado também luziu a espada invicta do general Garibaldi, lutou dez anos, com denodo incrível, contra a mole formidável de todo o Império; republicana foi a revolução da Bahia, de 1837, como o foi também, uma infinidade de outros movimentos havidos em todo o Império, movimentos que, conquanto não deixassem bem definidos os seus fins, pela rapidez de sua duração, eram, contudo, tendências para a liberdade, protestos contra as usurpações da monarquia (ASSIS BRASIL, 1998: 57-58).

Nesta passagem podemos identificar, na visão do autor, a existência de uma tradição republicana brasileira, que se expressaria nos diversos movimentos recuperados por ele ao longo da trajetória nacional. Assim, se desde os princípios do século XIX, a existência de um ideário republicano já era perceptível em diversas províncias, isso poderia servir como base de apoio e fortalecimento para o republicanismo da década de 1880. Ou seja, as idéias dos novos atores políticos não eram “apenas” idéias novas, pelo contrário, já haviam sido difundidas entre a população em outros momentos/contextos, o que poderia não somente facilitar sua aceitação por esta, agora na década de 1880, como colaborar para a conquista de novos adeptos ao republicanismo.

Além dos movimentos “revolucionários”, o autor destacou ainda outros episódios nos quais ficavam evidentes os ideais republicanos de seus atores. É o caso da organização de um partido disposto a proclamar a república à época da Independência, bem como o fato de que todas as reuniões da Câmara de Deputados após a Abdicação, foram assinaladas pela apresentação de um projeto republicano (ASSIS BRASIL, 1998: 58).

Deve-se ressaltar que este tipo de argumentação, baseada na existência de tradições republicanas, não se constitui como especificidade da obra de Assis Brasil nem tampouco do PRR de uma maneira geral. Conforme mencionei anteriormente, além de ter sido lida por várias associações republicanas nacionalmente, *A República Federal* integrava um conjunto de obras que tinham por objetivo propagandar o regime republicano. Ao escrever estes textos, na sua maioria durante a década de 1880, seus autores, que integravam outros partidos republicanos provinciais, abordavam temas semelhantes, fazendo com que muitas vezes utilizassem o mesmo tipo de argumentação ao expor seus ideários políticos.

Ao trabalhar com alguns destes textos de extrato republicano, a historiadora Maria Tereza Chaves de Mello, investigou *Política Republicana* (1882), escrita por Alberto Sales, paulista envolvido com a propaganda do novo regime e amigo de Assis Brasil. Utilizando-nos da análise de Mello, podemos concluir que, tanto Sales quanto Assis Brasil salientavam em seus textos aspectos como a índole democrática do povo brasileiro, a recuperação de movimentos republicanos nacionais e a afirmação de uma ilegitimidade do regime monárquico, o que também estava presente em um texto mais antigo, a saber, o texto do Manifesto de 1870.⁹ Tratava-se, pois, de reforçar a ideia de antiguidade do partido republicano e sua relação (antiga, como estes autores pretendem demonstrar) com a nação brasileira. Segundo Mello, no que se refere à escrita das obras de divulgação do ideário republicano, “[...] a preocupação não era, exatamente, e como se disse, inovar na análise, mas dar – ou reforçar – argumentos para o combate [...]” (MELLO, 2010: 309), daí que a repetição argumentativa não fosse vista como um problema por seus autores.

Ainda, segundo Angela Alonso, que avaliou uma série de obras escritas pelos reformistas da Geração de 1870, “[...] os grupos contestadores procederam a uma releitura da história nacional envidando esforços na recuperação e enaltecimento de personagens reformadores e episódios de rebeldia política, expurgados da história oficial do Segundo Reinado” (ALONSO, 2002: 290). A autora complementa suas afirmações mencionando que, neste período, ao passo que Tiradentes foi elevado a mito republicano principal, José Bonifácio e Rio Branco foram transformados em figuras-

⁹ Uma versão do Manifesto de 1870 pode ser encontrada em MELO, Américo Brasiliense de Almeida e. **Os Programas dos Partidos e o Segundo Império**. Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e Cultura, 1979.

símbolo da campanha abolicionista. Com relação aos movimentos recuperados, Alonso destaca que os propagandistas enalteceram episódios tidos como anti-dinásticos e anti-saquaremas, tomando a Inconfidência Mineira como momento inaugural da luta contra a Monarquia (ALONSO, 2002: 290-292). Devo ressaltar que estes personagens e episódios mostraram-se presentes nas obras de Assis Brasil, Sales e no próprio Manifesto de 1870.

Portanto, não somente foram recuperados no passado histórico nacional movimentos a favor da república, mas também foram exaltados indivíduos que lutaram em prol daquela causa. Resignificados como mitos ou heróis, estes personagens pareciam, aos olhos dos republicanos, uma forte inspiração bem como fonte de legitimação à sua propaganda política. Exemplo disto foi a escrita de uma história da Revolução Farroupilha, por parte de Assis Brasil, e a exaltação do suposto herói deste movimento, Bento Gonçalves, do que passaremos a tratar agora.

2 – Uma tradição republicana regional à serviço do PRR: uma análise de *História da República Rio-Grandense*

O movimento farroupilha, episódio da história rio-grandense fortemente marcado pela manifestação de ideais republicanos, recebeu um olhar bastante atento por parte de Assis Brasil. Em 1882, o propagandista publicou *História da República Rio-Grandense*, obra que apresentava uma imagem da Revolução Farroupilha construída pelo autor a fim de oferecer aos membros do PRR e aos demais interessados um exemplo de luta republicana a ser seguida. A representação do movimento, baseada em objetivos políticos do presente, acarretou seleções, esquecimentos e mesmo algumas deturpações a respeito da Revolução, ainda que Assis Brasil defendesse a verdade e/ou a cientificidade de seu estudo, o que era uma característica dos trabalhos deste período.¹⁰

¹⁰ Tal era a preocupação de Assis Brasil que este afirmava na introdução de sua obra a solidez dos dados que havia utilizado para historiar os fatos. Inclusive, ao demonstrar preocupação com a honestidade intelectual, agradecia a algumas pessoas que lhe teriam cedido “documentos originais importantíssimos” e as informações verídicas, obtidas de indivíduos que testemunharam os fatos da Revolução. Assis Brasil pedia ainda aos leitores que lhe enviassem toda e qualquer observação de inexatidão detectada em sua narrativa, bem como, aos que tivessem papeis do tempo da república, ou mesmo os que tivessem memórias dos episódios da Revolução para descrever, que o enviassem tais informações, auxiliando assim “na construção da história da gloriosa república”. (ASSIS BRASIL,

No que se refere à *História da República Rio-Grandense*, esta foi encomendada a Assis Brasil pelos colegas do “Club Vinte de Setembro”, associação de jovens republicanos que estudavam Direito na Academia Paulista, à título de comemoração ao 47º aniversário da Revolução Farroupilha. O texto que foi publicado em 1881 tratava-se de uma edição “preparatória” e que contou com a promessa de uma versão definitiva pelo autor, bem como os volumes que complementaríamos a obra. A publicação de 1881 narrava a história do movimento de 1835, ou melhor, parte desta história, já que a análise de Assis Brasil termina bruscamente com a proclamação da República Rio-Grandense, em 1836. Ainda que na última página de seu livro o autor planejasse a escrita de um segundo volume, que contemplasse “as cenas que iriam se desdobrar ainda por oito anos de guerra”, este nunca foi escrito.

Assis Brasil buscava, pois, mostrar ao leitor que “federalismo” e “república” eram tendências naturais no Rio Grande do Sul. O ideário político defendido pelo PRR na década de 1880, pois, encontrava legitimidade à medida que gerações anteriores já vinham reivindicando tais modificações na estrutura administrativa rio-grandense. Contudo, ao analisarmos a construção textual de Assis Brasil, percebe-se que este defendeu de forma muito mais enfática a federação, se esta for comparada a defesa da república. Já na introdução de seu trabalho, Assis Brasil salientava que:

Esta obra é ainda um esforço na direção das idéias que expus e sustentei na República Federal. É convicção minha, fortalecida cada vez mais pelo estudo e pela meditação, que as revoluções mais importantes que abalaram outrora o país, e cujo ideal ainda não foi satisfeito, tiveram como causa principal a necessidade do estabelecimento do sistema racional da federação, que também se pode chamar sistema de liberdade, porque a liberdade é a ordem de acordo com as prescrições da natureza. A revolução riograndense, que deu em resultado a república, é neste sentido a mais característica. (ASSIS BRASIL, 1981: VII)¹¹

Neste fragmento, o autor defende claramente a idéia de que a principal motivação da Revolução Farroupilha era o estabelecimento do federalismo, ou, em suas próprias palavras, do “sistema de liberdade”. Tanto é que a separação da província e a proclamação da República Rio-Grandense em 1836 foram abordadas em seu texto como

1981: IX-X).

¹¹ A obra que utilizamos para esta análise foi reeditada no ano de 1981. A primeira edição de *História da República Rio-Grandense* é de 1882.

inevitáveis soluções a serem tomadas, já que estas, para o autor, não constituíam o objetivo inicial do movimento, como veremos a seguir. Aproveitando-nos ainda do fragmento exposto acima, deve-se ressaltar que a associação que o autor faz entre “liberdade” e ordem natural”, estão imbuídas do pensamento cientificista e determinista, presentes ao longo da obra de Assis Brasil e característicos do período em que o autor escreve. No primeiro capítulo de *História da República Rio-Grandense*, intitulado “As Causas”, o autor caracterizou, de forma bastante detalhista, todas as condições geográficas da Província. O título dos dois primeiros sub-capítulos também expressam esta linha de pensamento cientificista e determinista, comum a sua geração: “O Rio Grande em relação ao meio cósmico” e “O Rio Grande em relação à raça”. Em suma, estas linhas dedicam-se a demonstrar como o Federalismo e a República eram inevitáveis no Rio Grande e, por ventura, no Brasil. Uma vez que estes sistemas políticos eram os mais “racionalistas” como ele próprio já havia adiantado na introdução. A liberdade era “a ordem de acordo com as prescrições da natureza” e o “sistema da liberdade” era o “sistema racional da federação” (ASSIS BRASIL, 1981: VII). A República, portanto, seria uma consequência do meio. Na visão de Assis Brasil, era natural que na província mais diferenciada do Brasil, onde as pastagens poderiam ser comparadas com as melhores do mundo, onde o povo possuía um amor pelo trabalho e pela liberdade, onde a alimentação era uma das melhores, a República vingasse, pois “[...] o solo de nenhuma das outras províncias brasileiras pode ser equiparado ao Rio Grande, cuja natureza e conformação o tornam, relativamente ao resto do país, o que se pode chamar – *um mundo à parte*”. (ASSIS BRASIL, 1981: 4). Por isto, o autor de *História da República Rio-Grandense* primeiro dedica-se a descrever o meio, para depois compreender as pessoas: “[...] todos os característicos peculiares do povo, todos os seus hábitos e próprio tipo de constituição física estão na mais rigorosa correlatividade com as circunstâncias particulares do meio” (ASSIS BRASIL, 1981: 22). cremos que Assis Brasil caracterizou as peculiaridades do Rio Grande do Sul dentro da nação e a sua própria condição periférica dentro do sistema político, para assim poder justificar a Guerra que ele viria a descrever e que tinha reivindicações comuns com o movimento republicano de 1880.

Com relação a esta equivalência de reivindicações, ao construir o movimento farrapo como uma luta em prol da federação, Assis Brasil pôde estabelecer uma linha de

continuidade de atuação entre os farroupilhas e os republicanos da década de 1880. Já que o ideal federalista dos revolucionários não havia sido satisfeito, cabia aos novos republicanos rio-grandenses dar continuidade àquele projeto, pois muitos problemas detectados na província já em 1835 ainda persistiam na década de 1880, quando Assis Brasil escreveu sua obra. Exemplo disso eram os descontentamentos em relação à centralização tributária, mas também com relação à nomeação dos presidentes de província pelo governo central, que afetavam não somente os rio-grandenses, mas às diferentes elites em nível nacional (ALONSO, 2002: 155).

Outro aspecto a ressaltar em *História da República Rio-Grandense* é a negação do objetivo separatista da Revolução Farroupilha, que também tem vinculação com a tradição/herança farroupilha que Assis Brasil quis reivindicar para si e para os membros do PRR. Se o grupo rio-grandense de fins do XIX buscava o estabelecimento da república federativa, inclusive como forma de manutenção do Estado nacional no momento em que a Monarquia passava por uma crise profunda,¹² não era nada conveniente mencionar o ideal separatista dos farroupilhas, grupo com o qual buscavam identificação. A respeito deste assunto, Assis Brasil mencionou que:

[...] nunca os homens que fizeram a revolução pensaram, antes dela, na separação da província; tratavam sim de estabelecer a federação em todo o país, o que também era idéia comum a todos os brasileiros mais ilustres daqueles tempos. Esta interpretação é a que resulta duma infinidade de documentos privados e públicos. Ainda mesmo depois que o império das circunstâncias obrigou os rio-grandenses a proclamarem-se independentes, em todos os atos oficiais do efêmero governo em que havia referência à separação da província, aparecia mais ou menos explícita a mesma idéia da federação (ASSIS BRASIL, 1981: 73-74. Grifos nossos).

Como demonstra o trecho acima, no processo de (re)construção e seleção do passado que Assis Brasil desencadeou ao escrever a história do movimento farrapo não havia espaço para as ideias separatistas que muitas vezes influenciaram as elites rio-grandenses na primeira metade do século XIX. Isto se dava porque, insistimos, tratava-se de mostrar ao leitor e consolidar, através de um discurso fundado em “fatos

¹² Para saber mais a respeito da crise da monarquia ver COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999; LEMOS, Renato. *A alternativa republicana e o fim da monarquia*. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs). **O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 403-444.

históricos”, uma suposta continuidade de atuação entre os dois grupos de republicanos, o que legitimaria a posição de contestação ao regime pelos membros do PRR.

Se Assis Brasil tinha objetivos claros de estabelecer uma ligação entre o grupo farroupilha e o PRR, devemos ter em mente que o discurso que constrói relativo aos ideais da revolução de 1835 pode conter alguns equívocos. Alguns estudos recentes demonstram a existência de diferenças entre a elite farroupilha com relação ao próprio modelo administrativo a ser reivindicado e/ou implementado na província, o que levou a divisão desta elite em dois grupos. A chamada maioria era representada por Bento Gonçalves da Silva, Domingos José de Almeida, José Mariano de Mattos e Antônio de Souza Netto. Defendiam a organização de um Estado independente e republicano, podendo unir-se ao Brasil e/ou a algumas províncias vizinhas da Bacia Platina através de uma federação, ou seja, de uma confederação. A base primária destas idéias era o liberalismo e o direito das gentes, aprendidas e divulgadas, vulgarmente ou não, por meio de jornais, sociedades secretas, seminários, aulas privadas, conversações diárias, contatos em guerras, etc. Já o grupo da minoria tinha como principais líderes David Canabarro e Antônio Vicente da Fontoura. Comandaram a Revolução após 1843, negociando diretamente com o Duque de Caxias. Não faziam questão da República e consideravam como federalismo apenas uma maior descentralização da administração, com ênfase na eleição dos presidentes de província. (PADOIN, 2001: 131-132).

Entretanto, na história da Revolução Farroupilha que Assis Brasil se comprometeu a escrever, os diferentes discursos intra-elite não apareceram. Evidentemente, era mais conveniente registrar nas páginas de *História da República Rio-Grandense* a idéia de que os farroupilhas lutavam pela federação e que, a república e a separação da província aconteceram posteriormente, o que acabou conformando um discurso de inevitabilidade histórica destas últimas. Portanto, pode-se dizer que o movimento de 1835, tomado como exemplo pelo PRR, foi reescrito à nova maneira por uma de suas lideranças e mais de acordo com o ideário e a propaganda política desta agremiação. A respeito desta apropriação do movimento de 1835 pelas lideranças do PRR, Luiz Alberto Grijó mencionou que: “[...] Trata-se de uma apropriação (do passado) que se poderia chamar militante. Ou seja, o passado é tomado como um recurso instrumentalizável para a luta político-partidária do presente” (GRIJÓ, 2010: 30).

Há ainda outro ponto a ser destacado em *História da República Rio-Grandense* e este se refere à reformulação de algumas trajetórias de indivíduos que tiveram destaque na Guerra dos Farrapos, tais como Bento Gonçalves da Silva e Bento Manoel Ribeiro.¹³ Bento Gonçalves foi considerado por Assis Brasil como o grande “herói” do movimento, contando com uma série de predicativos atribuídos pelo autor. O trecho a seguir nos elucida a respeito do enaltecimento do chefe farrapo:

Era preciso um chefe inteligente e prestimoso que se constituísse o foco de irradiação das forças: todos olharam para Bento Gonçalves. Era de fato a figura mais saliente, a entidade mais real de toda a província. Aquele homem de pequena, de resumidíssima estatura, de cerca de cinqüenta anos de idade, inteligente, perspicaz e experimentado, cuja fama tinha saído gloriosa de todos os combates que em perto de trinta anos de serviço militar pelejara – tinha se tornado uma potência invencível no Rio Grande do Sul (ASSIS BRASIL, 1981: 83-84).

Se o chefe “inteligente e prestimoso”, que lutou sem esmorecer pelo ideal da revolução, foi exemplo a ser seguido pelos revolucionários da época, ele também deveria servir de referência para os atores políticos da década de 1880, que tinham na república federal seu objetivo primeiro. Entretanto, se os farrapos foram vistos como heróis, os que fizeram oposição ao movimento que “buscava a liberdade” na província foram duramente criticados. É o caso de Bento Manoel Ribeiro, que não só foi considerado opositor por Assis Brasil, mas também como traidor do movimento e da causa farroupilha. Caracterizado por Assis Brasil como “[...] um homem sem idéias e sem cultivo de espírito, um guerrilheiro prático e valente, e nada mais” (ASSIS BRASIL, 1981: 83), Bento Manoel era o tipo característico de revolucionário que não merecia respeito algum entre seus pares, tampouco merecia ser tido/visto como exemplo pelos militantes republicanos da década de 1880. Trabalhando os personagens farroupilhas de tal maneira, Assis Brasil acabou criando duas referências para o grupo que integrava: a de Bento Gonçalves, exemplo a ser seguido e, a de Bento Manoel, exemplo a ser repugnado, devido a “[...] sua fraca noção de honra e dignidade e ao fato de suas ações serem movidas sempre por ressentimentos pessoais e não por idéias” (ASSIS BRASIL, 1981: 127).

¹³ A análise da utilização de alguns líderes farroupilhas como exemplo para os novos republicanos da década de 1880, foi anteriormente realizada por GRIJÓ, Luiz Alberto. Op. Cit.

Um último aspecto em *História da República Rio-Grandense* merece destaque. A recuperação apenas da primeira fase do movimento, ou seja, do período que se estende do início da Revolução até a proclamação da república em 1836, não deve ter sido somente falta de tempo de Assis Brasil para dedicar-se à conclusão da obra, como ele mesmo insistia na introdução de seu texto. Coincidentemente ou não, aquela primeira fase da revolução correspondia à deposição do comandante de armas e do presidente da província, bem como às batalhas bem sucedidas por parte dos republicanos. Cremos que, se a recuperação do mais importante movimento republicano ocorrido na província deveria servir para mostrar como os ideais de um grupo os levaram à ação e nesse sentido à proclamação do novo regime político, interessava aos integrantes do PRR recuperar somente as conquistas daqueles revolucionários. Os fracassos da luta dos anos subsequentes estaria fadado ao esquecimento. Assim, permaneceria na memória dos rio-grandenses o sucesso das batalhas que haviam promovido o regime republicano na província.

Negar o ideal separatista dos farroupilhas, recuperar apenas parte deste movimento e reformular trajetórias de indivíduos lhes designando o papel de heróis ou vilões, fizeram parte dessa imagem construída da revolução e que deveria servir ao que se propunha o novo grupo de republicanos. Ou seja, a recuperação ou mesmo reformulação do movimento farroupilha fazia parte de uma estratégia de propaganda política, que buscava, em seu fim último, legitimar o novo grupo em cena. A obra que aqui analisamos se tornaria referência para os membros do PRR. Referência de como uma geração de republicanos anterior havia colocado em prática seus supostos projetos.

Considerações finais

A análise das duas obras de Assis Brasil foi capaz de comprovar o uso político dos antecedentes históricos da província pelos membros do PRR. Argumentando a respeito da apropriação do passado republicano pelos articuladores do partido da década de 1880, Luiz Alberto Grijó afirma que:

[...] Através da ciência e da propaganda, pois, os membros do PRR buscaram se assenhorar do passado, trazendo-o para o seu lado,

colocando-se como intérpretes legítimos dele, de sua „essência“, de sua „verdade“.
Daí que „federação-liberdade“ e „República“ findam por se tornar eficazes idéias-força na luta político-partidária da última década do Império, respaldadas na suposta „tradição „ e „natureza“ do povo rio-grandense” (GRIJÓ, 2010: 36).

Essa utilização de elementos do passado, levada a cabo pelos membros do PRR, tinha absoluta importância na legitimação dos partidos. Segundo Angela Alonso, uma característica peculiar dos republicanos rio-grandenses, bem como do Partido Republicano Paulista, foi a utilização de “heróis” e eventos de sua história *local/regional*, em seus pronunciamentos e escritos. Assim, uma explicação histórico-sociológica permitiu que recuperassem passagens e personagens, edificando uma tradição alternativa à da elite imperial que contestavam, a partir de seu próprio panteão. Por isso, muitos movimentos políticos, mesmo que derrotados no passado, foram resgatados pelos republicanos, como autênticas manifestações da nação (ALONSO, 2002: 158). Deste modo, se a existência de uma tradição republicana em nível nacional podia colaborar significativamente para a legitimação do movimento republicano como um todo, a existência de uma tradição regional nos mesmos moldes poderia ser muito mais efetiva e legitimadora para PRR. Daí que o fracasso do movimento farroupilha fosse transformado, moldado, escrito à nova maneira, inclusive pelo fato da revolução já ter sido muito utilizada pelo Partido Liberal como referência.

É interessante ressaltarmos que, desde a estruturação do Partido Liberal dito “histórico” na província, no início da década de 1860, e com a consolidação de Gaspar Silveira Martins como liderança política, um dos seus mais importantes elementos discursivos foi sempre a identificação com o movimento de 1835. Os organizadores deste partido “[...] adotaram um discurso característico do ideário farroupilha, marcadamente reformador e questionador do centralismo monárquico” (PACHECO, 2007: 142). A reivindicação dessa “herança” farroupilha, segundo Pacheco, contribuiu muito para que o partido recém-estruturado conquistasse muitos adeptos, inclusive ex-farrapos.¹⁴

¹⁴ Para saber mais sobre a organização dos partidos no Segundo Reinado, ver PICCOLO, Helga I. L. **Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

Esta informação colabora para que ainda mais se reforce a importância da utilização da história a serviço das atividades político-partidárias. A disputa já não se fazia apenas pela preferência eleitoral na província, entre os partidos monárquicos e o republicano, mas pela própria representação do passado. Dar continuidade ao legado e se espelhar nas ações das lideranças farroupilhas tinha muito a contribuir aos membros do PRR. E eles não pouparam esforços para se aproximar de seus heróis republicanos.

Entretanto, é necessário afirmar que não devemos ver este uso político do passado de forma “maquiavélica”. Não foi de forma descrente e manipuladora que Assis Brasil escolheu o dia 20 de setembro de 1885, quando se comemorava os 50 anos da “gloriosa” Revolução Farroupilha, como data de seu casamento. Tamanha devoção, tanto dele como de Júlio de Castilhos e outros correligionários, era sincera. Estes jovens deviam de fato se ver como os verdadeiros herdeiros do passado farroupilha, se não os “escolhidos” para levarem à cabo a tão esperada vitória da República sobre a “odiosa” Monarquia.

Referências:

AITA, Carmen. *Perfil biográfico de Assis Brasil*. In: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfis Parlamentares: Joaquim Francisco de Assis Brasil**. Porto Alegre: ALRS, 2006, p. 17-207.

ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ASSIS BRASIL, Joaquim F. de. *A República Federal*. In: Senado Federal (Org.). **A Democracia representativa na República (antologia)**. Brasília: Senado Federal, 1998, Ed. Fac-similar, p. 22-85.

_____. **História da República Rio-Grandense**. Porto Alegre: ERUS, 1981.

CASTRO, Celso. **Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

GRIJÓ, Luiz Alberto. *A elite do Partido Republicano se apropria da “Revolução”*. In: **Revista História Unisinos**. Vol. 14, n. 1, janeiro-abril de 2010, p. 29-37.

LEMOS, Renato. *A alternativa republicana e o fim da monarquia*. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs). **O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 403-444.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *Narrativas nacionais e tempo: do Romantismo ao cientificismo*. In: PAMPLONA, Marco; STUVEN, Ana Maria. **Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Garamont, 2010, p. 291-322.

MELO, Américo Brasiliense de Almeida e. **Os Programas dos Partidos e o Segundo Império**. Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e Cultura, 1979.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889)*. In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. **História Geral do Rio Grande do Sul: Império**. Porto Alegre: Editora Méritos, 2007, v. 2, p. 139-153.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho: Fronteira Platina, Direito e Revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PICCOLO, Helga. *A crise do Império nas partes do Brasil: o caso do Rio Grande do Sul*. In: **Revista História Unisinos**, vol. 14, n. 1, janeiro-abril 2010, p. 23-28.

_____. **A Política Rio-Grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

_____. **Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao Estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação de mestrado. PPG – Ciência Política da UFRGS, 1979.

REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil**. Porto Alegre: IEL, 1996.